



# COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - [www.marillac.g12.br](http://www.marillac.g12.br) - [marillac@marillac.g12.br](mailto:marillac@marillac.g12.br)

---

## O Terceiro Mundo

A expressão Terceiro Mundo foi formulada pelo francês Alfred Sauvy, quando escrevia para o jornal L'Observateur em 1952. O sociólogo francês usou essa expressão para fazer a comparação entre o Terceiro Estado anterior à Revolução Francesa e os países à margem da influência política internacional. Já a "**Teoria dos Três Mundos**" foi elaborada por Mao Tse-tung, para ele o Primeiro Mundo seria formado por EUA e URSS, o Segundo Mundo, seria formado pelos demais países industrializados; e o Terceiro Mundo, seriam os demais países. A versão que se popularizou, entretanto, foi outra, em que o Primeiro Mundo seriam os países capitalistas ricos, Segundo Mundo, os socialistas ricos e Terceiro Mundo, os países pobres, independente de sua orientação ideológica. Durante muito tempo a expressão Terceiro Mundo foi usada para designar as nações que foram colonizadas e exploradas economicamente pelas nações ricas européias durante séculos.

- **A descolonização**

Após o final da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se um movimento de grande significado que foi o processo de descolonização, especialmente na Ásia e África. Entretanto, a independência conseguida por essas nações foi somente a política, pois ficaram na dependência política de suas antigas metrópoles, diretamente ou através de organismos de controle internacionais como o FMI, ou Bancos de Desenvolvimento Econômico.

Esse processo de independência ocorrido em tantas regiões ao mesmo tempo se deve ao fato de que ao final da Segunda Guerra Mundial as potências européias, que dominaram o mundo nos séculos anteriores terem ficado muito enfraquecidas. Esse enfraquecimento teria aberto espaço para que surgissem lideranças nacionalistas em busca de independência. Com a Guerra Fria, alguns grupos conseguiram apoio financeiro, político e, principalmente, armamentista das duas grandes potências, EUA, URSS, que procuravam expandir sua área de influência e enfraquecer seu oponente.

- **A Índia**

Os ingleses ocupavam a Índia desde o século XVIII. Essa dominação foi entremeada por revoltas, entre elas a Guerra dos Sipaios (1857). A dominação inglesa tornou-se dia a dia mais opressiva, ocasionando um clima de insatisfação e revolta.

Dentro desse contexto, a figura mais expressiva é a de Mahatma Gandhi, o qual adotou a estratégia da **desobediência civil**, contra a opressão inglesa. A estratégia de Gandhi pregava o não pagamento de impostos, o boicote aos produtos ingleses, a não colaboração. Gandhi tornou-se o líder da não-violência, justamente num cenário em que a repressão inglesa caracterizou-se com extrema violência. Em 1947, a luta contra a dominação inglesa se estendeu por muitos principados, fazendo com que a autoridade inglesa fosse se diluindo, abrindo espaço para a independência.

Dada a nova situação o governo inglês, foi, praticamente obrigado, a conceder a independência da Índia. Finalmente em 15 de agosto de 1947, a luta contra o domínio inglês teve fim e a Índia tornou-se independente. Em função de uma série de desentendimentos de caráter religioso e político, a Índia acabou se desmembrando em vários Estados: Índia, Paquistão e Ceilão. Entretanto, essa divisão não foi pacífica e acabou gerando uma sangrenta guerra civil de fundamentação religiosa e étnica.

Muçulmanos que viviam na Índia deslocaram-se para os territórios que formaram o Paquistão, e os hindus, foram para o território da Índia, a mudança não foi fácil nem pacífica, o transtorno criado para as populações que tinham que se deslocar até outro território acabaram gerando uma guerra civil com massacres recíprocos. As tensões fronteiriças entre os dois países duram até hoje. Atualmente há o agravante de que tanto a Índia quanto o Paquistão são países que detêm a tecnologia nuclear e são capazes de construir bombas

atômicas. A região mais tensa é a da fronteira da Caxemira, que apesar de fazer parte da Índia, tem uma população majoritariamente muçulmana. A parte oriental do Paquistão, com o apoio da Índia tornou-se independente criando a República de Bangladesh.

No início dos conflitos da guerra civil Gandhi tentou por fim ao confronto apelando para uma greve de fome, entretanto foi assassinado por um fanático hindu contrário à política pacifista do líder. Com isso houve a ascensão do Primeiro Ministro Nehru, que defendia o não alinhamento nem a Washington nem a Moscou.

- **Sudeste Asiático**

O primeiro país asiático a conseguir independência foi a Indonésia, colônia holandesa. A independência veio em 17 de agosto de 1945, após a vitória sobre os japoneses, foi proclamada a independência sendo o líder nacionalista Sukarno, eleito presidente da República. A Holanda ainda tentou restabelecer o controle sobre a colônia mas foi derrotada e teve que aceitar a independência de sua ex-colônia.

As Filipinas, que haviam se tornado independente da Espanha em 1898 e logo depois caído sob o domínio dos EUA conquistaram sua autonomia em 1946, já a Malásia iniciou seu processo de independência do Império Britânico em 1948 e completou sua independência em 31 de agosto de 1957.

Já o Vietnã, colônia francesa, declarou sua independência em 1954, com a liderança dos nacionalistas ao cuidado de Ho Chi Minh e do comandante Vô Nguyễn Giap, que derrotaram os franceses em várias batalhas sendo a decisiva a Batalha de Dien Bien Phu, de 1954. Pela conferência de Genebra, houve a divisão do Vietnã, norte comunista e sul capitalista. Mais tarde, em função dessa divisão a guerra voltaria a tomar conta da região.

- **As Nações Árabes**

Em 1936 a Inglaterra concedeu a independência ao Egito, em 1939 renunciou ao mandato sobre o Iraque. O Sudão, porém, tornou-se independente somente em 1956. a França suspendeu seu mandato sobre o Líbano e a Síria em 1945. A Líbia tornou-se independente somente em 1951, Marrocos e Tunísia em 1956.

A Argélia, rica colônia francesa do norte da África foi palco de uma violenta guerra, em que os patriotas argelinos lutaram contra o colonizador francês. Os franceses reprimiram violentamente os argelinos, que pelas guerrilhas e pelo terrorismo da **Frente de Libertação Nacional**, mantinham acesa a chama da independência. O objetivo só foi alcançado em 1962 em um acordo assinado em Evian. Ahmed Ben Bella tornou-se presidente da República, que adotou o sistema socialista como orientação política.

- **A África**

Na África, a luta contra o domínio colonial passou a existir de forma mais objetiva na década de 1950. a Insurreição dos Mau-Mau, movimento camponês com a participação do grupo étnico dos Kikuyuy, entre 1952 e 1955, no Quênia, é o maior exemplo.

A opção dos ingleses foi oferecer a independência de forma pacífica dessa forma Gana em 1957, Nigéria em 1960 e Quênia em 1963 conseguiram suas independências. A França, depois de todos os problemas ocorridos na Argélia optou também pela descolonização pacífica.

No Congo Belga devido às rivalidades e às riquezas minerais de Catanga, as lutas foram violentas, o líder progressista Patrice Lumumba foi assassinado. Já na Rodésia e na África do Sul, a minoria branca, decidiu proclamar a independência por conta própria.

Nas colônias portuguesas a independência só veio depois do fim do Salazarismo em Portugal em 1974. Em Angola, depois de uma violenta guerra civil o MPLA, movimento popular de libertação de Angola, de orientação marxista, sob a liderança de Agostinho Neto tomou o poder. Em Moçambique, com Samora Machel, guiné Bissau com Amílcar Cabral. E as ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe também adotaram governos de orientação socialista ao se tornarem independentes.

Entretanto a autonomia política não significou paz nem desenvolvimento econômico. A divisão africana pelas nações imperialistas acabaram unindo sob o mesmo território grupos rivais que disputam o poder até os dias atuais. Diversos países foram sacudidos por guerras civis. Como exemplos, podemos citar Angola, Moçambique, Etiópia, Burundi, Sudão, Serra Leoa, Ruanda, Somália entre outros. Muitas dessas guerras eram patrocinadas por EUA e URSS, como, por exemplo, a guerra em Angola, em que a URSS apoiava o MPLA e os EUA apoiavam a UNITA, união nacional para a independência de Angola.

- **África do Sul**

Em 1948, o Partido Nacionalista, representante dos descendentes holandeses, chegou ao poder por meio de eleições, rompendo definitivamente com o Império Britânico. Após a independência os governantes sul-africanos procuraram organizar jurídica e institucionalmente um Estado racista, o **apartheid**, um sistema oficial de segregação étnica, implantado pela minoria branca da África do Sul após a independência e só revogado no início da década de 1990.

Em 1984, a concessão do Prêmio Nobel da Paz ao bispo negro da Igreja Anglicana, Desmond Tutu, chamou a atenção da opinião pública mundial em relação ao apartheid. Apesar dos protestos internacionais, o poeta negro Benjamim Moloise, acusado de subversão, foi executado.

Depois de ter ficado preso durante 27 anos, o líder do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, foi libertado. Eleito presidente da África do Sul, sepultou definitivamente o sistema político do apartheid, apesar da segregação social ainda ser bastante presente no país.

- **Revolução Chinesa**

No começo de 1912, a China, tornou-se uma República. À Frente do movimento revolucionário estava o Partido Nacionalista, Kuomintang, fundado pelo médico Sun Yat-sem. A luta contra a burguesia, ligada ao capital estrangeiro, os governantes militares das províncias, os senhores da guerra, a invasão japonesa durante a Primeira Guerra Mundial, e a dominação estrangeira mergulharam a China num período de anarquia política e social.

A morte de Sun Yat-sem permitiu que Chiang Kai-shek expurgasse a ala esquerda do Kuomintang e vencesse os comunistas, que, no início do ano haviam conseguido vitórias expressivas. Derrotados, os comunistas iriam demorar certo tempo para se recuperar.

Em 1937 os japoneses invadiram uma grande extensão do território chinês. Nacionalistas e comunistas fizeram uma trégua para combater o invasor. Na luta contra os japoneses os comunistas adotaram a tática da guerrilha. Os exércitos que comandavam eram disciplinados e eficientes. Formaram também as “milícias do povo”, que chegaram a quase dois milhões de combatentes. Nas regiões que ocupavam formavam governos com a expulsão definitiva dos japoneses, reacendeu-se a guerra civil. Com forte apoio popular, especialmente dos camponeses, os comunistas entraram em Pequim em 1949, onde fundaram, com o apoio da URSS, a República Popular da China. Chiang Kai-shek fugiu para Formosa, onde, com o apoio dos EUA fundou a China Nacionalista, Taiwan.

No poder os comunistas realizaram a reforma agrária, reprimiram os adeptos do antigo regime, estabilizaram a economia e invadiram o Tibet, incorporando-o à China. O Grande Salto para a Frente, 1958, que objetivava aumentar extraordinariamente a produção, acabou fracassando. Em 1960, a China rompeu com a URSS por vários motivos, dentre os quais:

- Os soviéticos não quiseram transferir a tecnologia nuclear aos chineses;
- Havia litígios fronteiriços;
- Mao Tse Tung acreditava que a concepção do socialismo chinês era mais adequada aos países do Terceiro Mundo do que a soviética.

Estimulando a adesão dos jovens, Mao deu início, em 1966, à chamada “**Grande Revolução Cultural Proletária**”. Seu objetivo era retomar o controle do Partido Comunista Chinês. A Revolução Cultural visava transformar todas as estruturas, destruindo o que restava

das relações capitalistas e buscando a construção de uma sociedade comunista. Durante esse período, ocorreu uma acirrada luta entre a linha burguesa, que não desejava o fim de certas relações capitalistas e adia as novas transformações sociais, e a linha proletária, que caminhava a passos largos em direção ao comunismo.

Na ânsia de destruir os últimos vestígios do capitalismo, os guardas vermelhos, supremos guardiões, da Revolução Cultural, cometeram muitos abusos: hostilizaram igrejas, queimaram obras literárias, destruíram e proibiram a execução de certos discos, enfim, atacaram todas as manifestações da chamada cultura burguesa.

A partir de 1969, Mao e o Comitê Central procuraram arrefecer os ânimos dos mais radicais. Seguiu-se uma luta nebulosa entre ultra esquerdistas e moderados. Em 1973, os moderados já controlavam os cargos mais importantes, tanto que a morte de Mao Tse Tung em 9 de setembro de 1976, pareceu não provocar nenhuma mudança na linha da direção do Partido Comunista Chinês.

Depois de uma acirrada luta pelo poder, Deng Xiaoping, tornou-se o homem forte do regime. Deng tomou uma série de controvertidas decisões políticas e econômicas. Uma abertura muito grande em relação ao ocidente, o restabelecimento de certas práticas capitalistas e uma política interna mais liberal caracterizaram esse período da vida chinesa. A repressão aos protestos estudantis em junho de 1989, na Praça Tian Anmem, Praça da Paz Celestial, prejudicou a abertura política. A abertura econômica, porém, continuou, e a China obteve altos índices de crescimento em sua economia, especialmente no início do século XXI, quando se tornou a segunda maior economia do mundo.

A morte de Deng Xioping aconteceu no começo de 1987. os ataques de terroristas de minoria muçulmana, a corrupção e os desníveis sociais são alguns dos problemas enfrentados pelos chineses no início do século XXI.

- **O Oriente Médio e a partilha da Palestina**

O povo judeu, depois de sucessivas revoltas, foi expulso da Palestina pelos seus dominadores romanos. A segunda Diáspora, dispersão dos judeus, ocorreu no reinado de Adriano, em 132 d. C.

Apesar das diásporas ocorridas na Antiguidade, a nação judaica não desapareceu, disseminando-se pelo Europa e outros continentes. A religião judaica não aceita Jesus como Messias, por isso, os judeus foram segregados e perseguidos, numa Europa fundamentalmente cristã. Nos momentos de crise, eram os “bodes expiatórios”, vítimas de massacres hediondos, como na Alemanha nazista.

No fim do século XIX, o escritor Theodor Herzl escreveu o livro Estado Judeu, em que esboçou os alicerces do sionismo, Sion é uma das colunas de Jerusalém. Em 1897, nascia a Organização Sionista Mundial, cujo objetivo era lutar pelo estabelecimento de um território para o povo judeu.

Durante séculos, a Palestina esteve sob o domínio turco. Com a derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial, a região ficou sob o domínio britânico. Em 1917, o chanceler inglês Lord Balfour publicou uma declaração prometendo criar um lar nacional para os judeus. Com isso, o afluxo de judeus para a região aumentou, gerando um clima de tensão entre eles e as populações árabes locais.

As atrocidades praticadas contra os judeus na Segunda Guerra Mundial favoreceram a instituição de um Estado Judeu. As duas superpotências, EUA e URSS concordaram com a criação de dois Estados na Palestina, um judeu e outro árabe.

Em 14 de maio de 1948, um dia antes de terminar o mandato inglês sobre a Palestina, foi fundado o Estado de Israel. Chaim Weizmann assumiu a presidência, e David Ben-Gurion, a chefia do Conselho de Ministros.

Os países árabes não aceitaram a partilha da Palestina, proposta pela ONU. Entre maio de 1948 e janeiro de 1949, Israel lutou contra o Egito, o Iraque, a Jordânia, o Líbano e a Síria, membros da Liga Árabe e venceu, conquistando a Galiléia e o Deserto de Negev. Jerusalém foi dividida entre a Jordânia, setor oriental, e Israel. O Estado Palestino acabou não sendo instituído, pois o território foi ocupado pelos israelenses.

Em julho de 1952, um grupo de oficiais egípcios, liderados por Gamal Abdel Nasser, derrubou o regime do rei Faruk. Com plenos poderes, Nasser aproximou-se da URSS, realizou uma reforma agrária, grandes obras públicas, nacionalizou o Canal de Suez, uma copropriedade de empresas franco-inglesa, e fechou porto de Elat, no golfo de Acaba. Ferindo os interesses israelenses.

- **As Guerras**

Em 1956, ocorreu a Guerra de Suez. Com o apoio da França e da Inglaterra, Israel atacou o Egito. em três dias, o Exército egípcio foi liquidado. A ameaça soviética de internacionalização do conflito contribuiu decisivamente para o fim das hostilidades.

Em 1967, ocorreu a Guerra dos Seis Dias. Nasser armava a Al-Fatah, agrupamento militar da OLP, Organização pela Libertação da Palestina, que fustigava Israel com ataques terroristas. Em maio de 1967, cedendo a pressões de Nasser a ONU retirou as forças de paz da região. Ao mesmo tempo, a concentração de tropas egípcias, sírias, jordanianas e libanesas deu a Israel o motivo que necessitava para expandir ainda mais seus domínios.

No dia 5 de junho de 1967, pela manhã aviões de combate israelenses dirigiram-se para o oeste, sobre o Mediterrâneo, dando início à guerra. Por terra, as forças blindadas de Israel, comandadas por Moshé Dayan, derrotaram facilmente as forças inimigas. Em seis dias, a guerra estava ganha. Israel ocupou 70 mil km<sup>2</sup> de território, Península do Sinai, Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jerusalém oriental e Golan.

Os árabes ficaram bastante enfraquecidos com a derrota na Guerra dos Seis Dias. Em 1970, morreu Nasser, sendo substituído pelo vice-presidente, Anwar al Sadat. Em 1972, Sadat rompeu com os soviéticos e começou a deixar de lado o nacionalismo e o pan-arabismo.

No dia 6 de outubro de 1973, quando os judeus comemoravam o Yom Kippur, dia do perdão, a coligação formada por Egito e Síria atacou Israel. Os sírios ocuparam Golan e os egípcios passaram a controlar os campos petrolíferos de Balayim. A contra-ofensiva israelense foi arrasadora. Os sírios foram obrigados a recuar, e os egípcios cercados no deserto. A intervenção de Richard Nixon e de Leonid Brejnev, líderes das duas potências, impediu que os israelenses massacrassem os egípcios. Em termos territoriais, a situação ficou inalterada. Os países árabes produtores de petróleo passaram a usar o precioso “ouro negro” como arma de barganha em sua luta contra Israel.

Após a Guerra do Yom Kippur, o Egito aproximou-se dos EUA. Em 1977, com o beneplácito do presidente Jimmy Carter, Menahem Begn e Sadat concluíram o acordo com Camp David, por meio dos quais Israel devolveu o Sinai ao Egito. Os palestinos, sírios e jordanianos acusaram o Egito de trair a causa árabe. Em 1981, Sadat foi assassinado por um grupo de fundamentalistas islâmicos.

Em 1982, alegando que os palestinos atacavam Israel pelo sul do Líbano, forças israelenses invadiram o país. O Líbano vivia, desde 1975, uma guerra civil, envolvendo grupos diversos, falangistas “cristãos”, xiitas, sunitas, drusos, entre outros. Aproveitando-se da situação, a Síria invadiu o vale do Bekaa. Em meio ao caos, militantes falangistas “cristãos” massacraram civis palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila. O exército israelense nada fez para impedir a carnificina. O comando palestino teve de deixar o Líbano instalando-se na Tunísia.

- **A questão Palestina**

Com a criação do Estado de Israel, quase um milhão de palestinos, árabes em sua maioria, foram expulsos de suas casas. Os que ficaram se tornaram cidadãos de segunda categoria. Em 1959 foi fundado o Movimento de Libertação Palestina, conhecido como Al-Fatah, sob a liderança de Yasser Arafat. Os membros do Al-Fatah defendiam a luta armada e o uso do terrorismo para expulsar Israel dos territórios ocupados. Em 1964, os diversos grupos de resistência palestina criaram a OLP, Organização pela Libertação da Palestina, que desde 1969 foi presidida por Arafat, falecido em 2004.

Em 2006, por problemas de saúde, Ariel Sharon deixou o cargo de primeiro-ministro de Israel. Nesse ano mesmo, Israel atacou o sul do Líbano para quebrar o poder de fogo do Hezbollah, xiitas que vivem no sul do Líbano e são apoiados pelo Irã e Síria.

Na perspectiva judaica o antissemitismo tem sido constante e violento, portanto para escaparem das perseguições, construíram um Estado próprio. Acreditam ainda que os judeus foram expulsos das terras que, segundo os textos religiosos, sempre lhes pertenceram.

Na perspectiva palestina, os judeus são invasores que tomaram suas terras e fizeram com que grande parte da população se refugiasse em nações vizinhas. Já os que ficaram tem sido tratados como cidadãos de segunda classe.

#### • Irã, Iraque e a Guerra do Golfo

Um dos acontecimentos mais polêmicos da História Contemporânea foi a queda do xá Reza Pahlevi e a ascensão do aiatolá Khomeini. A Revolução Islâmica constitui, de forma clara, repúdio à ocidentalização do Irã e à política autoritária de Pahlevi. O mais interessante dessa revolta foi a determinação com que o povo se lançou à luta, derrotando o poderoso e moderno Exército do xá.

Segundo os analistas, essa revolução foi consequência de três fatores que se combinaram naquele instante:

1. Os partidos de esquerda, que contribuíram com sua experiência de organização sob duras condições de repressão;
2. A participação ativa dos líderes religiosos, que consideravam a ocidentalização do Irã uma afronta aos preceitos do Alcorão;
3. O apoio da classe média mercantil, prejudicada pelas multinacionais.

Ao tomar o poder, Khomeini procurou exportar a Revolução Islâmica para outros países da região, notadamente para o Iraque. Segundo os iraquianos, o Irã infiltrou seus agentes no Iraque para derrubar o regime de Saddam Hussein; além de fazer isso, desencadeou uma intensa campanha de propaganda contra o governo iraquiano e violou diversas vezes o espaço aéreo, terrestre e marítimo desse país. Diante dessas “provocações”, o Iraque atacou o Irã, dando início à guerra, uma vez que pretendia ter a soberania sobre o Canal de al-Arab; o Irã, porém, rechaçou essas pretensões. Durante oito anos, os dois travaram uma guerra sangrenta e arrasadora, sem que houvesse um vencedor. Com o término desse conflito, Saddam Hussein passou a enfrentar dificuldades e resolveu agir.

Em 1990, o Iraque invadiu o Kuwait. Ao ocupar a região, Saddam Hussein esperava controlar, aproximadamente, 20% das reservas mundiais de petróleo. Os grandes compradores, como a Europa e os EUA, ficaram preocupados com a possibilidade de o Iraque aumentar os preços do produto. Por essa razão, no ano seguinte, a ONU foi mobilizada a atacar o Iraque. Em 17 de janeiro de 1991, as forças aliadas iniciaram a Operação Tempestade no Deserto. Em menos de um mês, os iraquianos estavam derrotados.

Mesmo derrotado Saddam continuou no poder, reprimindo violentamente a oposição interna. Somente em 2003 os estadunidenses e seus aliados, após nova investida contra o Iraque puseram fim ao regime de Saddam. O motivo dessa guerra contra o Iraque, no entanto, fora baseado em informações incorretas dos EUA que afirmavam que o Iraque tinha condições de preparar armas de destruição em massa, informação que se mostrou mentirosa logo depois da invasão.

### **América Latina Contemporânea**

A Segunda Guerra Mundial teve efeitos positivos sobre a economia da maioria dos países da América Latina. A valorização dos produtos agropecuários e das matérias-primas em geral possibilitou enormes superávits na balança comercial da maioria dos países. Acelerou-se também o desenvolvimento de uma indústria nacional chamada de indústria de substituição de importações.

Nessa época a burguesia enriqueceu-se significativamente, a urbanização aumentava cada vez mais, assim como o número do peso político da classe operária. As reivindicações camponesas, os protestos estudantis, a subserviência ao imperialismo de alguns e as posições altivas e até radicais de outros refletem uma sociedade cada vez mais complexa e em grande ebulição.

A América Latina viveu os efeitos da Guerra Fria, tornando-se uma espécie de “quintal” dos EUA. Durante esse tempo, aumentou a presença do imperialismo estadunidense em relação bem íntima com as oligarquias dirigentes, empresários, religiosos,

Forças Armadas e amplos setores da classe média. É verdade, também, que elementos nacionalistas e esquerdistas de vários matizes opunham-se a esse servilismo à maior potência capitalista do mundo.

Logo após a Segunda Guerra, a América Latina passou a ter governos populistas, oligárquicos tradicionais e ditaduras de direita. Com o triunfo da Revolução Cubana que, no início da década de 1960, trilhou o caminho do socialismo, os detentores do poder, especialmente os EUA, ficaram assustados, pois o fantasma do “comunismo” rondava a América Latina. Para os EUA, era um precedente perigoso. Sob o impacto da Guerra fria e da experiência cubana, os anos entre 1960 e 1970 foram marcados pela progressiva queda de regimes populistas, os quais eram substituídos por ditaduras militares.

- **Argentina**

No começo do século XX, a Argentina, graças às exportações de alimentos era um país rico, marcado pela paz social e política, com um sistema educacional de qualidade e acessível a grande parte da população. De 1916 a 1930, a União Cívica Radical, cujo grande líder foi Hipólito Yrigoyen, manteve-se no poder. O radicalismo não buscou a realização de profundas reformas sociais, mas antes a distribuição da riqueza entre os setores médios e populares, sem ferir os fundamentos do sistema agroexportador. A Crise de 1929 inviabilizou esse programa distributivo.

As greves operárias, a oposição de setores nacionalistas, dos militares, da classe média e de grandes proprietários pôs fim ao governo de radicais. O golpe de 1930 recolocou os antigos conservadores no poder. O período de 1930 a 1943 foi a época da chamada “democracia fraudulenta” em que havia grande corrupção eleitoral e governamental, além de perseguições políticas.

Em 1943 militares nacionalistas, por meio de um golpe de Estado, tomaram o poder. O coronel Juan Domingo Perón passou a ocupar a Secretaria do Trabalho e Previdência, aproximando-se dos sindicatos. Com o fim da guerra houve o encerramento do governo militar, a oposição exigia eleições livres. Devido a intrigas internas Perón foi preso, depois de muita pressão dos trabalhadores foi solto. Em dezembro de 1945 casou-se com Evita, atriz de radionovela e quem mobilizou os trabalhadores a fazerem pressão pela libertação de Perón. Perón candidatou-se à presidência, vencendo as eleições de 1946; Evita criou a Fundação de Ajuda Social Maria Eva Duarte de Perón. Com sua oratória direta e arrebatadora era amada pelos “descamisados” e odiada pela burguesia conservadora; morreu de câncer em 26 de julho de 1952.

Apesar das arbitrariedades, o regime peronista atuou no sentido de buscar uma rápida ação estatal para melhorar efetivamente o padrão de vida da classe trabalhadora. Vários direitos sociais foram garantidos. O peronismo tinha um caráter autoritário e popular.

Em setembro de 1955 um golpe militar derrubou Perón, que se exilou do país. As três décadas que se seguiram ao golpe de 1955 foram marcadas pelo autoritarismo político, pela fragilidade das instituições democráticas, pelas intervenções militares e pela violência a qualquer oposição de caráter democrático.

O governo militar foi surpreendido em 1969 por uma gigantesca explosão social: o cordobazo. Estudantes, trabalhadores e populares enfrentaram as forças policiais. Apesar da repressão, a cidade de Córdoba resistiu por vários dias, incentivando movimentos semelhantes no resto do país.

Em 1973, diante da crise, os militares convocaram eleições presidenciais. Perón não pode concorrer, mas seu candidato, Héctor Cámpora, venceu e preparou a volta do velho político. Uma eleição foi marcada, Perón, que tinha como vice sua nova esposa, Maria Estela Martínez de Perón, conhecida com Isabelita, venceu com facilidade.

No pouco tempo em que ficou na presidência Perón reatou relações diplomáticas com Cuba, aproximou-se dos países não alinhados e aumentou o comércio com os países socialistas. Sua morte em 1974 levou ao poder a despreparada Isabelita, que acabou deposta em 1976 por um golpe militar chefiado pelo general Rafael Videla.

O novo regime militar recrudescceu e surgiu o ciclo de seqüestro, tortura, delação, assassinato. Milhares de pessoas desapareceram. Os direitos humanos foram sumariamente pisoteados. Economicamente o país entrou em decadência. Endividamento externo, desemprego, atraso tecnológico, sucateamento da indústria e miséria foram o legado dos militares para o país.

Videla foi substituído pelo general Roberto Viola que cedeu o poder ao general Leopoldo Galtiere. Para obter apoio popular, Galtiere tentou, em vão, reconquistar, as Ilhas Malvinas, em poder dos ingleses desde meados do século XIX. A humilhante derrota na Guerra das Malvinas, em 1982, apressou a queda do regime militar. Raul Alfonsín, eleito, governou em meio à crise econômica e política, porém manteve o regime democrático.

Os peronistas voltaram ao poder com Carlos Menem. Entretanto, o presidente acabou aderindo ao neoliberalismo, escancarando o país ao capital estrangeiro. Estabeleceu a paridade cambial do peso com o dólar. Fez grandes empréstimos externos, manteve altos níveis de corrupção e entregou um país quebrado ao seu sucessor, Fernando de La Rúa. Em 2000, pressionado por manifestações populares, e sem conseguir conter a grave crise inflacionária que tomou conta da Argentina de La Rúa renunciou depois de uma grande manifestação popular chamada de “panelaço”.

- **Chile**

No início do século XX, em função do desenvolvimento da economia mineira, salitre e carvão, o Chile possuía uma classe operária significativa e razoavelmente organizada. No fim dos anos 1920, quase metade da população era urbana, caso raro na América Latina.

Nas eleições de 1920, o vitorioso foi Arturo Alessandri, no poder, Alessandri garantiu leis sociais de proteção ao trabalhador, nacionalizou os bancos e companhias de seguro, ampliou o ensino público e passou a cobrar imposto sobre a renda. É claro que entrou em choque com a oligarquia dominante e teve de renunciar. Voltou ao governo e teve de renunciar novamente.

Carlos Ibañez, um militar, estava no poder quando estourou a Crise de 1929, que teve efeitos devastadores sobre a economia chilena. Ibañez renunciou em 1931. Arturo Alessandri venceu as eleições em 1933, governou um país com milhares de desempregados e usou da violência para restabelecer a ordem. Nesse contexto, a oposição venceu as eleições de 1938.

Foi no período de 1938 até 1973 que o Chile conquistou a imagem de país democrático, havia amplas alianças de classe, a esquerda atuava legalmente, com partidos implantados no movimento operário. O revezamento eleitoral era uma realidade.

Na década de 1960, Eduardo Frei, levou a cabo um reformismo conservador. Frei recebeu significativa ajuda dos EUA, por meio de um programa chamado de **Aliança para o Progresso**, que visava conter a expansão do esquerdismo na América Latina. O presidente iniciou uma reforma agrária moderada, sindicalizou camponeses, nacionalizou as minas de cobre, dando ao governo 51% das ações das empresas estrangeiras, essas empresas, contudo ainda tinham muitas garantias. Mesmo assim a direita chilena ficou assustada.

Em 1970 Salvador Allende ganhou as eleições, os objetivos da coalizão que o elegeu eram:

- Criar uma nova ordem institucional, o Estado popular;
- Construir uma economia baseada em uma área de propriedade social e na reforma agrária;
- Realizar um grande avanço no plano social;
- Conseguir plena autonomia internacional.

No poder Allende aprofundou a reforma agrária iniciada por Frei, nacionalizou importantes empresas estrangeiras, procurou estatizar os bancos, intensificou a construção de casas populares. Em tempos de Guerra Fria, adotou uma política externa independente, desagradando os EUA.

Diante dessa política esquerdizante a direita não tardou em dar a sua resposta. Com o apoio da CIA e das multinacionais foi desfechado em 11 de setembro de 1973, o golpe que derrubou Allende. Entrincheirado no Palácio de La Moneda, o qual era atacado por aviões e tanques, o presidente se suicidou.

Emergiu como líder dos golpistas o general Augusto Pinochet, até então homem de confiança de Allende. A era Pinochet iniciou-se com violentíssima repressão. O Estádio Nacional de Santiago foi usado para “reunir” os presos políticos. Nos primeiros meses do regime

2279 pessoas foram assassinadas e cerca de 957 “desapareceram”. A tortura, os fuzilamentos e os cadáveres jogados de helicópteros em alto-mar tornaram-se fato comum.

O general apressou-se em agradar o “mercado”. Liberou o envio de remessas de lucros para o exterior, privatizou os bancos e empresas estatais, arrochou salários, no meio rural, incentivou a formação de empresas particulares, produzindo para a exportação.

No fim da década de 1970, o Chile viveu uma espécie de “milagre econômico”, o que levou setores da sociedade a fazerem vistas grossas às atrocidades do regime. Em 1980, um plebiscito aprovou a nova Constituição, que mesclara “economia de mercado” e “segurança nacional”. Foi aprovado um novo mandato de oito anos para Pinochet.

Em 1988, Pinochet convocou um novo plebiscito, só que o resultado foi diferente, obrigado a deixar o poder, o general ainda viu seu candidato perder a eleição para Patricio Aylwin.

Em 2003 os Chilenos homenagearam o presidente Allende, lembrando os 30 anos de sua morte. O presidente Ricardo Lago, amigo de Allende, participou de várias solenidades. Pinochet, numa entrevista declarou que não se arrependera de nada do que fizera. O ditador faleceu sem responder por seus crimes.

Em 2006, foi eleita a primeira mulher presidente do Chile, a socialista Michelle Bachelet. Essa vitória foi mais uma ocorrida no início do século XXI por parte da esquerda latino americana.

- **Venezuela**

A Venezuela era considerada nos anos 1970 um exemplo de democracia, com eleições periódicas, liberdade de imprensa, Estado forte e atuante, crescimento econômico graças ao petróleo, enfim, uma social democracia que teve seu apogeu no governo de Carlos Andrés Pérez Rodríguez, 1974 a 1979.

Carlos Andrés voltou a ser presidente na década de 1990, mas desta vez seu governo estava atuando de acordo com a ideologia neoliberal, redução de gastos, proteção da propriedade privada, desregulamentação da economia; disciplina fiscal, liberalização do comércio entre outras atitudes neoliberais pregadas pelo “Consenso de Washington”.

A aplicação desse modelo externo, apesar de agradar ao FMI aprofundou a crise social pela qual a Venezuela passava, e abriu espaço para que Hugo Chávez tentasse um golpe militar em 1992. Fracassado o golpe, Chávez foi preso, mas sua popularidade aumentou. Em 1993 Pérez foi removido do cargo, pela Corte Suprema de Justiça, acusado de malversação de recursos públicos.

Com as eleições o vencedor foi o ex presidente Rafael Caldeira, que se mostrou incapaz de superar as dificuldades econômicas e de amenizar os problemas sociais.

Nas eleições de 1998, Hugo Chávez ganhou a presidência com 56,4% dos votos. Como prometera, procurou “refundar” a república. Convocou uma Assembléia Nacional Constituinte e o nome do país passou a ser **República Bolivariana da Venezuela**. Além de mudar o nome a Venezuela passou a ter uma série de dispositivos para a efetivação de uma democracia participativa e protagonista. A participação estatal em áreas estratégicas para o desenvolvimento tornou-se crucial. Com a oratória arrebatada, Chávez sempre procurou se comunicar diretamente com o povo.

Com tais medidas logo passou a ser tachado de populista, subserviente a Fidel Castro. A sociedade venezuelana se dividiu: de um lado os bolivarianos, especialmente os pobres, de outro, membros das oligarquias tradicionais.

Em 2001, a oposição ao regime cresceu significativamente. No mês de abril do ano seguinte, um golpe de Estado afastou Chávez por 48 horas. O apoio popular e de amplos setores das Forças Armadas reconduziram-no ao poder. Chávez voltou fortalecido e aprofundou as reformas internas, radicalizou a retórica contra os EUA, aproximou-se ainda mais de Cuba e emergiu como um líder de uma nova esquerda, nacionalista e estatizante, na América Latina.

Em 2007 Chávez assumiu seu terceiro mandato, reelegeu-se presidente com mais de 60% dos votos. Na cerimônia de posse anunciou novas estatizações, o aprofundamento das reformas que levarão a Venezuela ao “**socialismo do século XXI**”.

- **Revolução Cubana**

Ao longo da primeira metade do século XX os cubanos vivenciaram governos ditatoriais e intervenções militares estadunidenses. Em 1925, diante da crescente agitação de estudantes e militantes comunistas, teve início o governo ditatorial do militar Gerardo Machado. Apoiado pelos EUA, Machado perseguiu os opositores ao seu governo, gerando diversos conflitos internos.

Em 1933, o general Gerardo Machado foi deposto em um movimento de que participaram militares, membros das oligarquias rurais, estudantes universitários e trabalhadores vinculados ao Partido Comunista Cubano. Entre os líderes do movimento destacou-se o sargento Fulgêncio Batista, que se tornou, nos anos seguintes, figura importante na história cubana.

Após o movimento de 1933, Fulgêncio Batista assumiu o comando do Exército em Cuba. Embora o país possuísse presidentes civis, entre 1934 e 1940, Batista exercia enorme influência no governo. Eleito presidente em 1940 Batista governou até 1944, sendo substituído por outro presidente eleito. Durante todo esse período Cuba viveu a democracia sem sustos, até que em 1952 Fulgêncio Batista, no mês de março, liderou um golpe de Estado. Governou Cuba até 1958 de modo ditatorial. O governo estadunidense, preocupado com o avanço comunista, apostou em seu governo, pois considerava o ditador um aliado. Durante o governo de Batista a desigualdade social aumentou bastante, pois Cuba se tornou mero exportador de matéria-prima e os principais negócios do país estavam nas mãos dos estadunidenses.

Vários grupos se organizaram para lutar contra Batista após o golpe de 1952. Entre os líderes do movimento contrário a Batista estava o jovem advogado Fidel Castro, que acreditava que a saída para a derrubada do governo de Batista passava pela luta armada.

Castro organizou um grupo que pretendia tomar o quartel de Moncada, e daí organizar milícias para lutarem contra as tropas do governo. Entretanto o ataque a Moncada, em julho de 1953 fracassou. Muitos revolucionários foram mortos, outros, entre eles Castro foram presos. A prisão desses líderes fez com que as manifestações contra Batista aumentassem, para parecer simpático à população, em 1955, Batista anistiou Castro.

Libertado Castro viajou para o México e começou a organizar um novo grupo. Em sua estadia mexicana Fidel Castro e seu irmão Raul conheceram Che Guevara, que aderiu ao movimento. Em novembro de 1956 mais de 80 homens embarcaram rumo a Cuba, como a viagem atrasou três dias os rebeldes foram descobertos e em seu desembarque foram alvos fáceis para as tropas do governo. Apenas doze sobreviveram, que fugiram para Sierra Maestra e passaram a organizar lutas de guerrilhas, que eram reforçadas por grupos contrários ao governo de Batista. Diante da forte oposição e da impossibilidade de derrotar os guerrilheiros Fulgêncio Batista deixou Cuba em 31 de dezembro de 1958. No dia seguinte os revolucionários chegaram a Havana e tomaram o poder.

Tão logo assumiu o governo Fidel Castro anunciou medidas drásticas, como a Reforma Agrária, baixou o preço dos aluguéis nacionalizou tanto empresas cubanas quanto estrangeiras, o que aumentou a tensão com os EUA. A tensão aumentou ainda mais com a aproximação de Cuba com a URSS. Em 1961 cubanos e estadunidenses cortaram relações diplomáticas e Fidel Castro declarou Cuba um **Estado socialista**. Nesse mesmo ano um grupo de dissidentes cubanos, apoiados pelos EUA, tentaram invadir Cuba, desembarcando na baía dos Porcos, mas foram rapidamente derrotados. No ano seguinte, o governo dos EUA impôs um severo embargo econômico à ilha.

Em 1962, o mundo esteve à beira de um conflito nuclear. Os EUA descobriram que os soviéticos haviam instalado mísseis em Cuba, esse episódio ficou conhecido como a **Crise dos Mísseis**. O presidente J. Kennedy ordenou um bloqueio naval à ilha. Moscou chegou a enviar uma tropa para o confronto, mas o líder soviético Krushev cedeu e retirou os mísseis.

Atualmente Fidel Castro está afastado do governo de Cuba, que é dirigida por seu irmão Raul Castro, e desde o fim da URSS Cuba tem se mantido, apesar do embargo econômico ainda vigorar, o que piora ainda mais a situação cubana, mas ao mesmo tempo o país tem mantido excelentes níveis de escolarização e a saúde da população é de bom nível, mesmo com todos os problemas gerados pelo embargo econômico.

Após a dissolução da URSS, em dezembro de 1991, a Rússia, a principal república soviética, perdeu poder econômico e militar, e, por fim, deixou de ser ator decisivo na geopolítica global. O planeta assistiu, então ao surgimento de uma nova ordem mundial, marcada pela supremacia de uma única superpotência, os EUA, e pela consolidação do capitalismo como sistema econômico dominante.

Logo no início do século XXI o mundo ficou estarelecido com o ataque terrorista aos EUA, tendo como alvo seus símbolos de poder econômico, o World Trade Center; militar, o Pentágono; e político, a Casa Branca, único alvo a não ser atingido. Os atentados foram assumidos por uma organização islâmica chamada de Al Qaeda. A forte reação militar dos EUA, na chamada “Guerra ao Terror” resultou na invasão ao Afeganistão em 2001; ao Iraque, em 2003. Também foram impostas sanções comerciais e diplomáticas aos potenciais adversários da superpotência.

O ataque ao Afeganistão ocorreu por que, segundo os EUA o líder da Al Qaeda estava escondido no país, porém depois de anos de busca ele nunca havia sido encontrado em território afegão. Bin Laden só foi encontrado em 2011 no Paquistão, e, segundo o governo dos EUA foi morto e teve seu corpo jogado ao mar.

Já o Iraque, posto pelo presidente George W. Bush, como integrante de um “eixo do mal” ao lado do Irã e da Coreia do Norte, foi invadido por possuir supostas armas de destruição em massa, que nunca foram encontradas. Desde 2003 os EUA ocupam militarmente o Iraque sem conseguir sair por não terem conseguido estabilizar o país após a queda de Saddam Hussein.

Como a guerra no Iraque se mostrou dispendiosa, comprometedor do efetivo militar estadunidense, começou a gerar protestos dentro dos EUA para a volta dos soldados que estavam lutando no Oriente Médio. Ao mesmo tempo a imagem de Bush se desgastou no mundo todo em função da inexistência de armas de destruição em massa. Esse desgaste na imagem do presidente abriu espaço para o surgimento de uma nova liderança política Barack Obama.

Ao assumir a presidência, depois de oito anos de governo Bush Obama parecia que levaria os EUA para um novo rumo, entretanto, teve que enfrentar uma séria crise econômica, que mergulhou o mundo em uma recessão que durou quase todo seu governo, impedindo que as reformas prometidas em campanha pudessem ser efetivadas. Porém Obama conseguiu diminuir a presença dos EUA em guerras ao redor do mundo e ao mesmo tempo melhorar um pouco a imagem desgastada do país diante da opinião pública mundial depois dos oito anos de governo Bush.